

ESTADOS EMOCIONAIS E ARBITRAGEM ESPORTIVA: ANÁLISE DA INTERFERÊNCIA DA MÍDIA

Rafael Castro Kocian¹, Afonso Antonio Machado².

RESUMO

A figura do árbitro é historicamente ligada à polêmica, injustiças do tipo “o árbitro me prejudicou”, e até corrupção (haja visto famosos e recentes casos de jogos “comprados”, como no Campeonato Brasileiro de Futebol de 2005). Analisar os aspectos da autoridade e os objetivos e atitudes próprias, leva-nos a entender das relações inter-grupais com que teremos que lidar, no desenvolvimento da profissão: a autoridade do árbitro é mais um elemento a ser trabalhado, num jogo entre dois grupamentos sociais diferentes. O objetivo do trabalho foi verificar junto aos árbitros de basquetebol a presença ou não da interferência da mídia no desenvolvimento do trabalho. Trabalhamos com uma análise qualitativa, seguindo roteiros preestabelecidos e buscando coletar dados através da pesquisa ação, utilizando questionários junto a 30 árbitros de basquete de alto nível do estado de São Paulo, filiados e representantes da Federação Paulista de Basquetebol sendo garantido sigilo absoluto aos participantes, bem como o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como resultado obtivemos que 60% dos árbitros sentem interferência da televisão em suas atuações, enquanto 40% é indiferente. Após a análise podemos concluir que a TV e a mídia esportiva interferem no trabalho de um árbitro, sendo, portanto, necessária à intervenção de um profissional da psicologia do esporte.

Palavras-chave: estados emocionais, basquetebol, arbitragem esportiva.

ABSTRACT

The image of the arbiter is historically connected with the controversy, injustices of the type “ the arbiter damaged me ”, and up to corruption (for example recent cases of “bought” plays, in the Brazilian Championship of Football of 2005). To analyze the aspects of the authority and the objectives and own attitudes, in the development of the profession: the authority of the arbiter is one more element to be worked, in a play between two social different groupings. The objective of the work checked near the arbiters of basketball the presence or it does not give interference of the media in the development of the work of an arbiter. We work with a qualitative analysis, using questionnaires near 30 arbiters of basketball of high level of the state of Sao Paulo, representatives of the Federation Of Sao Paulo of Basketball and of different Regional Associations of Basketball, using the Term of Free and Explained Permission. Obtained that 60 % of the arbiters feels interference of the television in his acting's, while 40 % is indifferent. After the analysis we can end that the TV and the sporting media interfere in the work of an arbiter, being, so, necessary to the intervention of a professional of the psychology of the sport.

Key-words: Emotional states, basketball, sports arbitration.

INTRODUÇÃO

Atualmente, o papel da arbitragem, seja esta em nível de esportes coletivos ou individuais; esportes com ou sem bola, corridas, lançamentos, arremessos, ou esportes de contato físico (lutas), vêm sendo para muitos dos árbitros encarado como profissão. Profissão não apenas no sentido da remuneração, mas também no sentido de dedicação, empenho e desenvolvimento de estudos para aprimoramento.

Não foge aos olhos de qualquer telespectador que a figura do árbitro é historicamente ligada a polêmica, injustiças do tipo “o árbitro me prejudicou”, e até corrupção (como exemplo temos famosos e recentes casos de jogos “comprados”, no Campeonato Brasileiro de Futebol de 2005).

Justamente pela atribuição de julgar as ações de desportistas, quando em competições, este é um trabalho que exige muita precisão e o mínimo de erros de quem o executa. Todavia, apesar do grande interesse popular pelo assunto, e embora existam trabalhos que averiguaram fatores internos e externos capazes de causar pressão e estresse ao profissional da arbitragem, não tem sido fácil encontrar pesquisas que tenham enveredado pela investigação do que se passa na “cabeça” do árbitro,

no momento em que precisa analisar, julgar e decidir sobre a legitimidade ou não de um lance futebolístico.

Todos esses fatores mistificam, expõem e tornam a figura do árbitro como crucial para o desenvolvimento de um esporte. Analisar os aspectos da autoridade e os objetivos e atitudes próprias, leva-nos a entender das relações inter-grupais com que teremos que lidar, no desenvolvimento da profissão: a autoridade do árbitro é mais um elemento a ser trabalhado, num jogo entre dois grupamentos sociais diferentes.

OBJETIVOS:

Nossos objetivos para o trabalhado foram:

- Realizar estudo em uma área até então pouco pesquisada entre as ciências do esporte;
- Verificar a interferência da mídia e da torcida na arbitragem.

REVISÃO DE LITERATURA:

No âmbito do basquetebol, como nos demais esportes, aplicar justiça significa assegurar que as regras esportivas sejam cumpridas pelas partes envolvidas, de modo a não causar danos de qualquer natureza, nem prejuízo aos disputantes, sendo o árbitro o guardião do jogo limpo, dentro do campo, embora no futebol ele tenha sido, historicamente, a figura mais controversa e contestada da cena futebolística. Dele “espera-se” uma atuação imparcial e, por conseguinte, justa, de modo a não interferir no resultado da contenda, levando em conta que, segundo Tugendhat (1997, p.397)

“...imparcialidade de modo algum significa já igualdade, mas implica que apenas profere um julgamento justo aquele que decide o caso imparcialmente, isto é, ‘sem distinção de pessoa’, o que significa de modo positivo: exclusivamente em consideração ao que os envolvidos, em razão do que fizeram, merecem.”

O árbitro, assim como os jogadores, tem que se preparar para as competições que irá arbitrar. As competições desportivas podem ser consideradas de formas diferentes (MIRANDA e BARA FILHO 1999). Quando julgam principalmente os lances controversos (ambíguos que permitem variadas interpretações) em que a percepção, por si só, não é suficiente para dirimi-los podem inclinar-se a buscar respaldo em aspectos psicológicos relacionados ao raciocínio moral que, como já foi referido, este é o principal enfoque da busca empreendida neste trabalho.

Na competição, o árbitro pode obter um desempenho superior aos de seus treinos, devido à experiência nesta, que influencia em grande parte nas cargas emocionais. Já, quando o árbitro participa de competições, consegue estar preparado para estas, além de acostumar-se a cargas elevadas de partidas. A parte emocional e o rendimento são adquiridos através das competições após treinamento e preparação para estas.

É necessário que o árbitro participe de vários tipos de competições, com diferentes equipes, que jogam de diferentes formas, e com árbitros diferentes, que trabalhem de forma diferente da sua. Isto é necessário para que um árbitro não se acostume só com um tipo de arbitragem. Quando existe uma variedade de competições o árbitro consegue adaptar – se com maior facilidade a qualquer situação nova para ele. A competição em que o árbitro irá participar será de acordo com sua categoria, portanto podemos dizer que existem competições preparatórias (árbitros que estão começando junto à árbitros experientes), as importantes (árbitros mais avançados com árbitros mais experientes) e as principais que serão arbitradas por árbitros internacionais.

O árbitro deverá criar o hábito de se concentrar durante as horas em que estiver envolvido com a partida, tornando assim seu trabalho mais produtivo. Esta concentração deverá estar em um nível de motivação ideal, ou seja, nem baixa, nem alta. Para Cagical (1978), o objetivo é fornecer condições que possibilitarão uma melhor atuação sem estimular até um nível de motivação que possa prejudicar a arbitragem. Nenhum árbitro pode ir para uma partida sem um objetivo ou só com o de “apitar”. Ele deve pensar em coisas que o façam ter vontade de estar aonde ele chegou ou quer chegar. Esta motivação vem de necessidades, das prioridades que todo profissional sente.

Para Machado (1997), o árbitro deve pensar em seu prestígio em relação ao público, jogadores, técnicos e comentaristas; sua auto – afirmação, sucesso, reconhecimento, ambição e postura, superação de erros e aceitação devem ser sempre revistas, a cada momento da carreira: as necessidades movem as pessoas, e a necessidade de cada árbitro deve ser um motivo em sua carreira.

Todos os árbitros envolvidos na condução do jogo devem ter profundo conhecimento de todas as regras específicas da modalidades, para aplicá-las no momento apropriado, além de amplos conhecimentos sobre legislação esportiva e o regulamento do campeonato em que estão arbitrando. A tarefa é complexa em virtude da presença de fatores intervenientes externos tais como: pressões de atletas, torcida, técnicos, dirigentes, cronistas esportivos e chefes de comissão de arbitragem, bem como o tamanho do campo e ausência de clareza em muitas jogadas (LIMA, 1991).

Caron e Schwinte (1976) consideram-no como condutor do jogo, alegando que ele deve recorrer à sua inteligência e ao seu espírito, deliberada e constantemente, para aplicar leis de modo justo e não robotizado, pois o árbitro é o juiz da intenção e da oportunidade de sanção. No entanto, considerando-se a sua condição humana, bem como o clima emocional vivenciado dentro e fora do campo, erros de julgamento podem ser cometidos, comprometendo o respeito às regras e a punição dos infratores. Para Bouet (1990), quando o árbitro “erra” aumenta a possibilidade de se gerarem protestos e revolta por parte dos que se consideram injustiçados, sendo bem maiores as cobranças em relação a esta modalidade esportiva do que em outros esportes coletivos, em virtude de suas regras serem compartilhadas por milhões de expectadores e telespectadores.

Neste julgamento ele está só com o seu conhecimento e sua consciência, embora cercado por grandes platéias ninguém pode decidir em seu lugar. Desconsideram os críticos que ele deve ver, avaliar, decidir em sucessão rapidíssima; deve submeter os elementos percebidos a uma imediata elaboração. Além disso, vale lembrar que além da platéia presente ao espetáculo esportivo, temos também a platéia virtual que acompanha o jogo pelas transmissões televisivas e que também tornam – se julgadores das decisões do árbitro (OLIVEIRA 1988).

É passível de levar em conta a opinião dos amigos e parentes sobre sua honestidade (mesmo que nunca admita isso). Desta maneira, o foco fica nas pessoas, em suas demandas, expectativas e também em outros elementos culturais que influenciam sua atuação, principalmente a mídia. Em síntese, para dirimir situações de jogo o árbitro tem possibilidade de considerar todos estes critérios juntos numa mesma oportunidade ou combinados entre si de várias maneiras, num julgamento. No brevíssimo momento em que ele analisa, interpreta e julga um lance, seu pensamento interage com fatores sócio-cognitivo-culturais, sendo esta uma vivência única, na opinião de alguns protagonistas, principalmente se a jogada em destaque for carregada de conteúdo emocional (acompanhada, por exemplo, pela reação da torcida).

Alguns treinadores protestam a cada marcação de falta e parte dos dirigentes e repórteres desmonta o árbitro em seus comentários ao menor indício de erro (SCHEINES 1992). Todas estas condições provavelmente também influenciam o ato de julgar, cuja decisão de punir ou não uma falta remete-o, freqüentemente, a questões inerentes à aplicação da justiça. Moura (2006), relatava que ao observar partidas de futebol transmitidas pela TV (no Brasil) verificava que, geralmente, a cada falta marcada e interpretada pelos jogadores como erro do juiz, freqüentemente sucedia-se o aparecimento de jogadas ríspidas por parte dos atletas da equipe que havia demonstrado insatisfação com a marcação de falta anterior.

Em 2005, ocorreu no Brasil um escândalo denominado “máfia do apito”, no qual a Polícia Federal apurou que houve má fé e construção de resultados de jogos no campeonato brasileiro daquele ano, onde o árbitro acusado e preso confessou a manipulação das partidas para dar os resultados que apostadores na Internet pretendiam. Ele e outros envolvidos agiam assim, alegando estarem mergulhados em dívidas e precisando de dinheiro. Notava-se em suas atitudes uma acintosa falta de respeito para com jogadores, torcedores e demais envolvidos, não obstante tenha negador ter enganado os torcedores e sim os apostadores.

Episódios desta natureza acentuaram ainda mais a desconfiança nos profissionais da arbitragem e reforçou o estigma de “ladrão” que os acompanha. Apesar da tentativa de juizes idôneos tendo em vista demonstrarem que episódios assim são casos isolados, há e ainda haverá partidas em que o mediador não consegue, ou não conseguirá agradar a nenhuma das torcidas, a nenhuma das partes

adversárias, ambas achando que ele está errado e que é parcial, uma visão que segundo Samulski (2005), ocorre com certa frequência no esporte de alto nível.

LIDERANÇA E ARBITRAGEM:

Segundo Cagical (1978), existe um modelo de líder que incorpora dois modos aproximados que se chamam “facilidade de observação”, como grau de conhecimento da ação que está acontecendo, devido à sua posição em um espaço; e a “visibilidade” que pode ser explicada como a aparência do que está acontecendo em quadra e vista por espectadores, técnicos, mesários e jogadores.

Podemos ver que o líder deverá estar sempre buscando formas de observar a partida de uma maneira facilitada para conseguir controlá-la de acordo com as regras da partida e da modalidade em questão. Esta proposta nos faz observar que o árbitro deverá encontrar formas de observar os jogadores para poder evitar as faltas e violações.

Assim, o árbitro concluirá que sempre deverá ter conhecimento sobre a partida, não só em teoria, mas também prático, como a mecânica de arbitragem que, se bem feita, facilita a atuação dos árbitros. A arbitragem deve conhecer a partida em todas as visões, sejam elas de jogadores, técnicos, mesários e torcida, para não exercer a sua liderança na hora errada.

Fiorese (1989), diz que as pessoas envolvidas com alguma partida podem trazer seus problemas pessoais para dentro da quadra, ou seja, de fora para dentro de um contexto de pressão e tensão que pode ser aliviado durante a partida.

Percebemos que a competição é importante para o desenvolvimento da forma esportiva. A competição, por si só, não pode preparar o árbitro para qualquer tipo de situação de quadra. Cada competição difere da outra segundo características psicológicas (estado psíquico dos competidores e dos árbitros), técnicas específicas (jogadores e árbitros) e condições físicas dos competidores e árbitros.

É necessário que o árbitro participe de vários tipos de competições, com diferentes equipes, que jogam de diferentes formas, e com árbitros diferentes, que trabalhem de forma diferente da sua. Isto é necessário para que um árbitro não se acostume só com um tipo de arbitragem.

Quando existe uma variedade de competições o árbitro consegue adaptar – se com maior facilidade a qualquer situação nova para ele.

As competições em que o árbitro irá participar serão de acordo com sua categoria, portanto podemos dizer que existem competições preparatórias (árbitros que estão começando junto à árbitros experientes), as importantes (árbitros mais avançados com árbitros mais experientes) e as principais que serão arbitradas por árbitros internacionais.

Inevitavelmente o árbitro pode ser substituído quando está tendo uma má atuação. O jogador, quando o técnico vê necessidade, pode ser substituído para se acalmar, receber instruções, sofrer retoques com relação ao seu desempenho. Isso vale também para um pedido de tempo próprio. Já o árbitro, não recebe este benefício, devendo estar concentrado na partida, tentando separar o cotidiano do momento, (OLIVEIRA, 1988) contrariando o pensamento de Fiorese (1989).

Nenhum árbitro pode ir para uma partida sem um objetivo ou só com o de “apitar”. Ele deve pensar em coisas que o façam ter vontade de estar aonde ele chegou ou quer chegar. Esta motivação vem de necessidades, das prioridades que todo profissional sente.

O árbitro deve pensar em seu prestígio em relação ao público, jogadores, técnicos e comentaristas; sua auto – afirmação, sucesso, reconhecimento, ambição e postura, superação de erros e aceitação devem ser sempre revistas, a cada momento da carreira: as necessidades movem as pessoas, e a necessidade de cada árbitro deve ser um motivo em sua carreira.

METODOLOGIA

Optamos por utilizar uma pesquisa do tipo qualitativa, seguindo roteiros preestabelecidos e buscando coletar dados através da pesquisa ação, utilizando questionários junto árbitros de basquete de alto nível do estado de São Paulo, filiados e representantes da Federação Paulista de Basquetebol e de diferentes Associações Regionais de Basquetebol, sendo 27 oficiais de quadra e 03 oficiais de mesa,

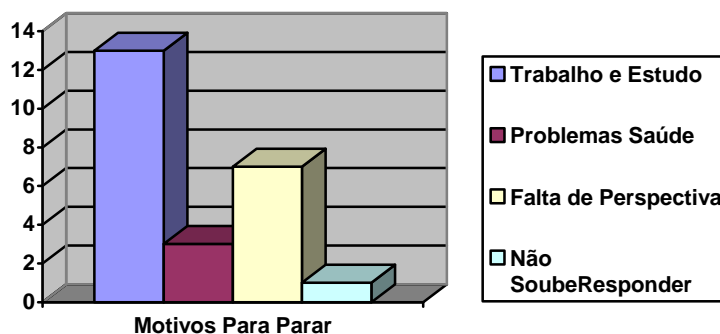
sendo 28 homens e 02 mulheres. Foi garantido sigilo absoluto aos participantes, bem como aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nosso questionário era composto primeiramente por um cabeçalho de identificação dos sujeitos, contendo função, idade, sexo, tempo que trabalha com arbitragem no basquete. Após o cabeçalho, o questionário apresentava cinco questões abertas. As questões trabalhadas são apresentadas a seguir:

RESULTADOS

Após conhecermos os nossos sujeitos através do cabeçalho o primeiro passo do trabalho seria conhecer a história do nosso árbitro dentro do basquetebol. Para isso perguntamos se o sujeito havia jogado basquetebol, e por qual motivo parou. Como resultado obtivemos que 80% dos árbitros haviam praticado a modalidade. Na parte complementar da questão podemos verificar os seguintes motivos:

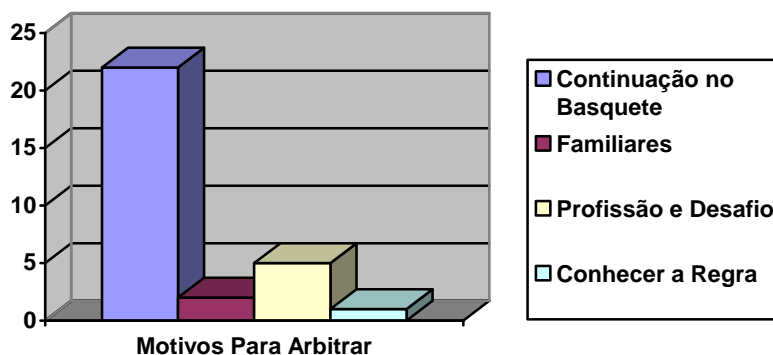
Gráfico 01 - Motivo Pelos Quais os Entrevistados Pararam com a Prática do Basquetebol.



Podemos destacar nessa questão que grande parte dos entrevistados parou por conta dos estudos e do trabalho, além disso, destaca-se a falta de perspectiva no esporte, seja ela: "...o basquete profissional no Brasil não dá dinheiro...", levantada pelo sujeito 13, ou, "...parei pois não tinha habilidade para ser jogador...". Em ambos casos os sujeitos decidem trocar o basquete por outra atividade.

Na segunda questão foi verificado qual o motivo que os levou a ser árbitro. Maciçamente, nossos sujeitos responderam que gostariam de continuara ter contato com o basquetebol, outra parte considerável nos mostra que os motivos são profissão, desafio e dinheiro extra como forma de complementar a renda. Podemos destacar algumas falas que enriquecem o gráfico apresentado. O sujeito número 02 nos mostra a seguinte fala, "... a arbitragem é uma forma de substituir o esporte..."; verificamos o sujeito 07 que enfatiza o desafio de ser árbitro: "... essa nova profissão é um desafio...", e por fim, o sujeito 11 que dá indicações do modelo familiar, "... seguir meu pai que foi excelente árbitro...".

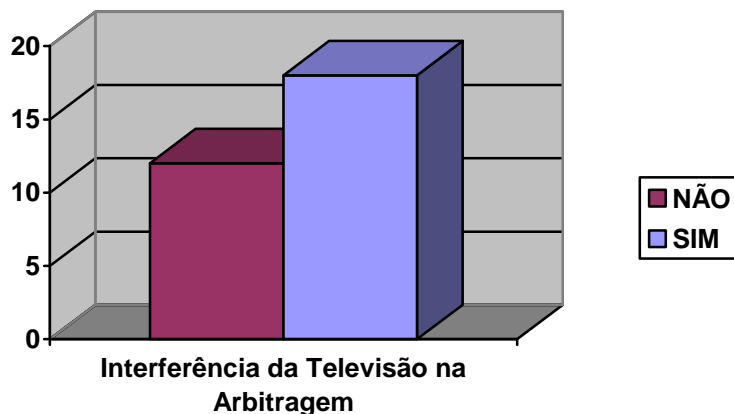
Gráfico 02 - Motivos que os sujeitos trabalham com arbitragem.



Na terceira questão gostaríamos de verificar se o jogo televisionado interfere na prática do árbitro de basquetebol. Vale ressaltar que jogos televisionados no basquetebol são mais raros, na

verdade muito mais raros, do que o futebol, por exemplo, que possui TV aberta transmitindo ao menos duas vezes na semana. No basquetebol, essa frequência diminui, e, além disso, quase que exclusivamente são transmitidos por TV por assinatura.

Gráfico 03 - Análise da interferência da televisão sobre a arbitragem.

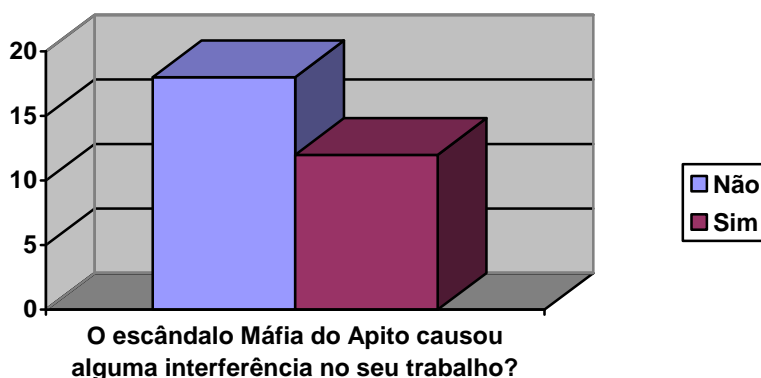


Os números apresentados são expressivos, uma vez que 60% dos entrevistados acreditam que a TV influencia de alguma forma o desempenho da arbitragem. Podemos citar como exemplo algumas frases recortadas, como "...a mecânica da posição muda" do sujeito 05; "...a cobrança é maior, você é mais visado" do sujeito 23. A fala do sujeito 15 nos traz "...você deve apitar qualquer jogo como se fosse televisionado", nos leva a crer que um jogo televisionado demanda mais atenção e concentração dos árbitros.

Em seguida, perguntamos a respeito da "máfia do apito", o escândalo que afetou o futebol brasileiro em 2005. O objetivo era verificar se esse escândalo causou alguma interferência na prática da arbitragem do basquetebol.

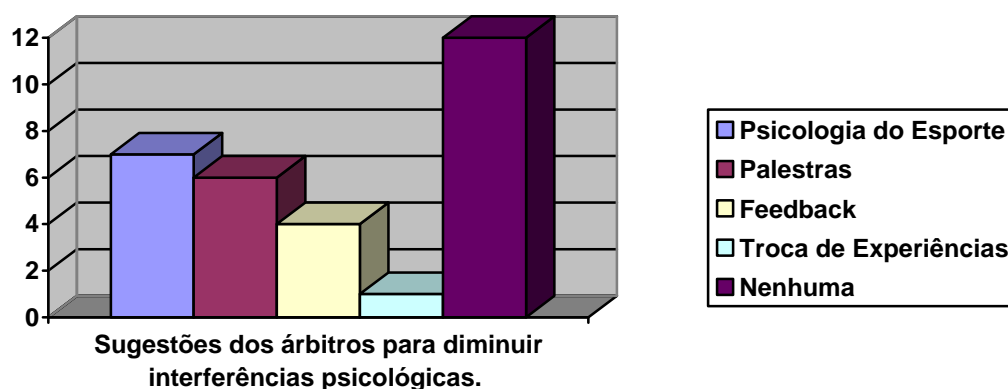
Podemos verificar em números reais que obtivemos 18 respostas negativas (que representa 60%), e 12 respostas positivas (40%). Mesmo sendo inferior, a fatia de árbitros que consideram que houve alguma interferência é relativamente grande. Podemos apontar algumas respostas interessantes como a do sujeito 10 "as pessoas confundem os fatos e acabam transferindo responsabilidades...", ou a do sujeito 26 "quando a torcida julga que cometi um erro sou chamado de Edilson", fazendo menção ao pivô do escândalo de 2005.

Gráfico 04 - Você acredita que o escândalo da máfia do apito (no futebol) interferiu de alguma forma no exercício de sua profissão?



Por fim questionamos os árbitros se possuem alguma sugestão de trabalho para diminuir as interferências psicológicas nos árbitros de basquetebol. Como respostas obtivemos:

Gráfico 05 - Você tem alguma sugestão de trabalho para diminuir interferências psicológicas de um árbitro?



Analisando as respostas podemos verificar que boa parte dos árbitros (60%) se preocupa em diminuir as interferências externas ao esporte. Temos dados importantes como a aplicação de trabalhos de psicologia do esporte, e, podemos considerar também que palestras e troca de experiências como formas de intervenção do profissional da psicologia do esporte.

CONCLUSÃO

Após a análise dos dados podemos concluir que na população pesquisada, verificamos uma forte ligação afetiva, pois muitos iniciam a arbitragem após o encerramento de funções como atleta ou técnico. Além disso, podemos verificar que muitos desenvolvem a prática da arbitragem justamente por amor ao basquete e até ligações familiares, pois o pai arbitrava.

Com relação à interferência da TV verificamos que ela existe em grande escala, mesmo sabendo que o basquetebol brasileiro não é tão explorado pelo segmento televisivo, uma vez que apenas TV por assinatura realizam transmissões. Uma questão a se pensar seria: se a TV aberta transmitisse jogos de basquetebol assim como faz com o futebol, teríamos uma interferência maior sobre a arbitragem? Outra constatação que nos leva a crer que existe interferência da TV no desempenho das funções do árbitro é a transferência do escândalo da máfia do apito do futebol para o basquetebol, uma vez que esse fato foi amplamente explorado pela imprensa nacional. Fica como sugestão da pesquisa o desenvolvimento de um trabalho de assessoria em psicologia do esporte junto aos árbitros, bem como a realização dessa pesquisa voltada a diferentes modalidades esportivas, citando especialmente o futebol que é amplamente explorado por toda mídia.

REFERÊNCIAS

- BOUET, M. **Signification du sport**. Paris: P.U.F., 1990.
- CAGICAL, J.M. **Deporte: pulso em nostro tiempo**. Madrid: Editora Nacional, 1978.
- CARON, G. e SCHWINTE, P. **El arbitraje del futebol**. Editorial Hispano Europea, Barcelona, Espana, 1976.
- FIORESE, L. Os efeitos do treinamento precoce em crianças e adolescentes, in: **Revista Fund. Esportes e Turismo**, 1 (2): 23 – 31, 1989.
- LIMA, T. **Competições para jovens**. Lisboa: Horizontes, 1991.
- MACHADO, A.A. **Psicologia do Esporte: temas emergentes I**. Jundiaí: Ápice, 1997.
- MIRANDA, R; BARA FILHO, M.G. Estudos psicológicos do atleta competitivo. **Treinamento desportivo**, Lisboa, v.4, n 3, p.61-68, 1999.

MOURA, S.M.S. Ponto de ruptura na arbitragem [artigo]. **Jornal Folha de Pernambuco**, Recife, 25 de fevereiro de 2006. Seção Cidadania, p. 10.

OLIVEIRA, J. G. M. **Educação Física e o ensino de 1º e 2º graus**: uma abordagem crítica. São Paulo: EPU/ EDUSP, 1988.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte**. São Paulo: Ed. Manole, 2002.

SCHEINES, G. **As regras do jogo**. Rio de Janeiro: F.G.V., 1992.

TUGENDHAT, E. **Lições sobre ética**. Petrópolis, Editora Vozes, 1997.

¹ LEPESPE/ D.E.F./ UNESP – RIO CLARO e UNIP-campus RIO PARDO
rafaelkocian@gmail.com

² LEPESPE/ D.E.F./ UNESP – RIO CLARO e ESEF – JUNDIAÍ.